

# *Slogan, fé e pós-facada:* a construção discursiva de um “milagre”

*Thiago André Rodrigues Leite<sup>1</sup>*  
*Karine Rios de Oliveira Leite<sup>2</sup>*

**Resumo:** O *slogan* de campanha do candidato Jair Messias Bolsonaro à presidência do Brasil em 2018, qual seja, “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos.”, produz, de certa forma, efeito de sentido excludente. Entrevemos que esse lugar sintático do signo linguístico “Deus” colocaria uma crença superior às outras, de modo que, depois da facada dada no candidato Bolsonaro, parece ter sido construído, a partir de dizeres seus em vídeos de campanha, um acontecimento discursivo, qual seja, o “milagre” de sua sobrevivência. Pautando-nos no pensamento da Análise de Discurso (AD), especialmente nas teorizações de Orlandi (1987), que discorre acerca do discurso religioso e da fé, e em Foucault (1995, 2009), o qual discute o poder pastoral, temos como objetivo principal problematizarmos de que maneira os dizeres do slogan de campanha do candidato em questão relacionam-se, do ponto de vista discursivo, aos dizeres proferidos por ele mesmo após a facada (pós-facada), sobretudo no que diz respeito à fé e à construção discursiva de um “milagre”.

**Palavras-chave:** *Slogan*; Fé; Pós-facada; Milagre.

# *Slogan, faith and post-stab:* the discursive construction of a “miracle”

**Abstract:** The candidate Jair Messias Bolsonaro’s slogan of campaign to the presidency of Brazil in 2018, that is, “Brazil above everything. God above all people.”, produces, in a way, excluding meaning effect. We glimpse that this syntactic place of the linguistic sign “God” would put a belief superior to the others, so that, after the stab gave in the candidate Bolsonaro, it seems to have been built, from sayings in his videos of campaign, a discursive happening, which is, the “miracle” of his survival. Based on the thought of Discourse Analysis (DA), especially in the theorizations of Orlandi (1987), who expatiates on religious discourse and faith, and based on Foucault (1995 and 2009), who discusses the pastoral power, we have as the main goal problematize how the sayings of the candidate’s slogan of campaign are related, from the discursive perspective, to the sayings spoken by himself after the stab (post-stab), mainly regarding to the faith and to the discursive construction of a “miracle”.

**Keywords:** *Slogan*; Faith; Post-stab; Miracle.

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. E-mail: [thiago\\_fucamp@hotmail.com](mailto:thiago_fucamp@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. E-mail: [karinerios@hotmail.com](mailto:karinerios@hotmail.com)

## Introdução

O *slogan* de campanha do candidato Jair Messias Bolsonaro à presidência do Brasil em 2018, qual seja, “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos.”, produz, de certa forma, efeito de sentido excludente, pois promove uma cisão na população para quem, supostamente, se voltaria o governo proposto: apenas para os que acreditam em Deus. Interessante observarmos que, sendo o *slogan* composto pelo termo “Brasil”, aparecendo em primeiro lugar (no primeiro período), como informação focalizada, o País poderia ser interpretado como prioridade máxima desse candidato.

Nessa perspectiva, a maior preocupação do candidato Bolsonaro, pensando-o do ponto de vista das representações permitidas pela linguagem, seria zelar pela nação, e, em decorrência disso, por todos os brasileiros, como o líder da pátria. Porém, entrevemos também, o que justifica a relevância deste trabalho, haver posterior recorte em relação a quem seriam, possivelmente, os brasileiros atendidos, quando, na sequência, segue o período “Deus acima de todos”, permitindo associar a imagem do candidato à figura de um “salvador”. Obviamente, a escolha do signo linguístico “Deus”, com inicial maiúscula, não representa a crença ou descrença de toda a população brasileira, mas um modo específico de fé. Então, colocar Deus “acima de todos” seria colocar uma crença superior às outras, de modo que, depois da “facada”<sup>3</sup> dada no candidato Bolsonaro, parece ter sido construído, a partir de dizeres seus em vídeos de campanha, um acontecimento discursivo, qual seja, o “milagre” de sua sobrevivência.

Pautando-nos no pensamento da Análise de Discurso (AD), especialmente nas teorizações de Orlandi (1987), que discorre acerca do discurso religioso e da fé, e em Foucault (1995 e 2009), o qual discute o poder pastoral, objetivamos problematizar de que modo os dizeres do slogan de campanha do candidato em questão relacionam-se, do ponto de vista discursivo, aos dizeres proferidos por ele mesmo após a facada (pós-facada), sobretudo no que diz respeito à fé e à construção discursiva de um “milagre”. Também, objetivamos analisar possíveis efeitos de sentido produzidos pela presença do discurso religioso em dizeres proferidos por tal candidato em vídeos de sua campanha presidencial, partindo, em especial, daqueles sobre o sacrifício de si.

## O sacrifício de um líder: discurso religioso e poder pastoral

O dizer “Deus acima de todos”, veiculado no *slogan* da campanha de Bolsonaro, parece remeter tanto ao fato de que Deus, estando “acima de todos”, protege, cuida e ampara todas as pessoas igualmente, logo a fé Nele é redentora, mas também que essa entidade religiosa, colocada como prioridade, “acima de todos”, autorizaria “tudo” que é feito e/ou dito pelo

---

<sup>3</sup> Conforme noticiado por vários jornais brasileiros e internacionais, no dia 06 de setembro de 2018, o então candidato Jair Messias Bolsonaro à presidência do Brasil leva uma facada durante campanha eleitoral em Juiz de Fora, Minas Gerais. “Candidato era carregado nos ombros por apoiadores quando homem se aproximou e o feriu na barriga. Bolsonaro foi levado para a Santa Casa da cidade, passou por uma cirurgia no intestino [...]. Suspeito foi preso” (G1, Juiz de Fora, 2018).

candidato, como ações guiadas por Ele e em Seu nome. Isso, de certo modo, faria delas natural e, essencialmente, “corretas”, frutos do querer de Deus, já que representariam Sua voz, o que vai ao encontro da definição dada por Orlandi (1987) acerca de “discurso religioso”.

Orlandi (1987, p. 242-243) caracteriza “[...] o discurso religioso como aquele em que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus” (grifos da autora), isto é, representa-se, simbolicamente, Deus, que ocupa um lugar intransferível, ocorrendo, portanto, conforme Orlandi (1987, p. 243), “[...] um desnivelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte: o locutor é do *plano espiritual* (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do *plano temporal* (os sujeitos, os homens)” (grifos da autora). Esse desnivelamento refere-se à superioridade do primeiro plano em relação ao segundo, ou seja, Deus é superior aos homens, logo tem domínio sobre eles. É uma relação assimétrica, de maneira que “[...] dessa relação nasce a necessidade de salvação para a vida eterna. O móvel para a salvação é a fé” (ORLANDI, 1987, p. 243).

Com um discurso político que busca, por meio da fé, sua legitimação em Deus, os dizeres do *slogan* parecem apontar um líder disposto a, em nome Dele, salvar o Brasil, podendo, até mesmo, significar que qualquer ação poderia ser feita em razão disso (do Brasil e de Deus). Assim, colocar o Brasil e Deus “acima”, como preferências, sublimidades, superioridades, estaria direcionando-se a certo grupo de pessoas, como se isso significasse colocar o País e Deus acima, por exemplo, dos interesses pessoais, afirmando o compromisso de abnegação e sacrifício para e por parte de seus apoiadores também, o “conjunto seletivo”.

Entendemos que o *slogan* em questão, ao mesmo tempo em que se associaria ao primeiro ponto do poder pastoral apresentado por Foucault (1995), por projetar um candidato comprometido com as leis de Deus e que, por isso, seria aquele capaz de garantir a salvação do país, vincula-se também à imagem de alguém capaz de sacrifícios (por Deus, e, logo, pelo povo brasileiro), o que, conforme compreendemos, associa-se ao segundo ponto do poder pastoral, conforme delineado por esse autor: o “pastor”, entendido como “líder”, além de garantir a salvação (material e imaterial), e até como forma de garanti-la, deve também dispor-se ao sacrifício pelos que o seguem.

Com a representação de homem comum e modesto, figuração idealizada e construída, em grande parte, pelos conteúdos divulgados em redes sociais do candidato Bolsonaro, como *livestreams* em que ele, com roupas e objetos simples, tomava café e comia pão com manteiga, representando um homem de vida e hábitos ordinários, a própria estética visual<sup>4</sup> adotada no *marketing* de campanha significaria a apresentação de um candidato, cuja vida humilde seria a explicitação de um político que se sacrifica pelo seu povo; que abre mão de uma vida de luxo para ser simples, como todo e qualquer “cidadão comum”; esse candidato estaria renunciando aos benefícios que sua condição financeira seria capaz de lhe propiciar, para, em respeito aos

---

<sup>4</sup> Embora não seja o foco deste trabalho, julgamos relevante mencionarmos que reconhecemos a linguagem não verbal como compondo a discursivização da campanha do candidato Bolsonaro, pois, como ocorre com a linguagem verbal (analisada aqui como materialidade discursiva), permite-nos significar, compondo a significação do que é dito nos dizeres de campanha, especialmente quanto à representação de si.

brasileiros, adotar um estilo simples de vida. Seria alguém que, a despeito de suas posses materiais, estaria vivendo uma vida simples, de humildade, fazendo jus a valores apregoados pelo discurso religioso ligados ao sacrifício do pastor pelo seu rebanho, por isso digno de um “milagre” face a tragédias.

## E o “milagre” aconteceu?! A fé salva?!

Durante o período de campanha do candidato Jair Messias Bolsonaro à presidência do Brasil, esse candidato transmitiu vários vídeos em seu canal no *Youtube*, a partir do qual selecionamos os seguintes: vídeo (01) “Via transmissão de celular, Bolsonaro fala com população na Av. Paulista”; vídeo (02) “Bolsonaro: última *live* antes do segundo turno”; vídeo (03) “Entrevista Rádio Guaíba - RS (23/10/2018) - temas da semana”; vídeo (04) “Bolsonaro no SBT: temas da semana”; por fim, vídeo (05) “Chegamos na reta final. Vamos dar o último gás combatendo, COM A VERDADE, as mentiras do PT!”. Fizemos essa seleção por serem vídeos que se relacionam, discursivamente, ao slogan de campanha do candidato em questão, pensando, sobretudo, na construção discursiva de um “milagre”.

No vídeo 02, no qual o segundo ponto do poder pastoral pode ser vislumbrado, o candidato Bolsonaro menciona o “milagre” de estar vivo, a ideia de que, como Jesus, seria combatido por seus oponentes, mas que, semelhantemente, teria ressuscitado para defender seu povo, o qual seria entendido como “o povo de Deus”:

Ele deu a facada e rodou, ele deu a facada para matar. Não só os médicos que salvaram a minha vida em Juiz de Fora, que eu agradeço e muito, ao pessoal da Santa Casa, e costumo dizer que **nasci de novo** em Juiz de Fora. [...] E se tô vivo, segundo os médicos dizem, não só de Juiz de Fora, bem como os do Albert Einstein, **estou vivo por milagre**. E cada um tire as suas conclusões de o porquê eu estar vivo, de o porquê eu estou enclausurado dentro de casa, tá, eles só podem me tirar do combate, me eliminando, fisicamente. (grifos nossos).

O questionamento sobre por que estaria vivo parece reforçar a ideia de ter sido digno de um “milagre”, o que se justificaria porque sua vi(n)da seria para salvar o Brasil. Como forma de conferir argumentação de autoridade a essa ideia, haveria a alusão a dizeres médicos. Esses dizeres parecem indicar a improbabilidade de que o candidato Bolsonaro, após um ataque daquele vulto, sobrevivesse, o que só se justificaria por ser ele um “escolhido” de Deus para salvar o país, ou seja, “Deus acima de todos”. Assim, compreendemos que os dizeres em questão parecem representar o candidato como uma espécie de Jesus Cristo, ressuscitado para salvar o povo de Deus, e que, semelhantemente a Cristo, seria vítima de traições e injustiças, porém a fé teria o salvado, já que “a fé remove montanhas. O homem, com fé, tem muito mais poder, mas como a fé é um dom divino, ela não emana do próprio homem, lhe vem de Deus” (ORLANDI, 1987, p. 250). Além disso, “[...] a fé é que distingue os fiéis dos não-fiéis, os convictos dos não-convictos. Logo, é o parâmetro pelo qual se delimita a comunidade e constitui o escopo

do discurso religioso em suas duas formações características: para os que crêem, o discurso religioso é uma promessa, para os que não crêem é uma ameaça” (ORLANDI, 1987, p. 250).

Nessa perspectiva, o candidato Bolsonaro, “homem de fé”, teria sido digno de um “milagre”, pois ele crê, o que o alçou a um lugar de “escolhido” de Deus, de maneira que foi auxiliado divinamente para continuar sua jornada/missão. Assim, os dizeres desse candidato parecem construir de si uma imagem com contornos de experiência e respeito, semelhantemente a figuras santificadas, as quais, frequentemente, tinham de passar por provações, tendo uma vida de mártir. A presença do discurso religioso por meio das construções “nascer de novo” (ressuscitar) e “estou vivo por milagre”, por exemplo, parece fazer com que aquele que chegar a outras conclusões passe a ser visto como um descrente, herege, portanto, sendo ameaçado, do ponto de vista religioso, por isso.

O terceiro ponto que, segundo Foucault (1995, p. 237), caracteriza o poder pastoral é que este é “uma forma de poder que não cuida apenas da comunidade como um todo, mas de cada indivíduo em particular, durante toda a sua vida”. Porém, o Estado Moderno, sendo uma “estrutura muito sofisticada”, possibilita que os indivíduos sejam integrados sob uma condição, a de que a essa individualidade “se atribuisse uma nova forma, submetendo-a a um conjunto de modelos muito específicos”. Por isso, podendo o Estado ser considerado “a matriz moderna da individualização ou uma nova forma de poder pastoral”, traz ao “fiel” a noção de que ele é pessoalmente abrigado, restaurando-lhe a individualidade, em meio ao todo e, nisso, criando e/ou reforçando a sensação de pertencimento, devendo interpretar a facada, então, como um “milagre”, pois o candidato representa ser uma figura redentora. No vídeo 02, o candidato menciona:

**Conversando com os médicos**, eu tive aí 23 dias [*inaudível*] no hospital. Muitos deles, obviamente, lidaram com casos de faca. Facada de briga que tem em bar, por cachaça, por motivo fútil. O cara fura apenas o outro. Fura. Dá a facada como se fosse um golpe aí de espadachim, né. Fura. O meu caso, **ele bateu e rodou**. Rodou dentro, cortou tudo na minha barriga. Cortou em três locais aí o intestino fino, né. Cortou veias. Furou um pedaço muito grande do intestino grosso. Espalhou fezes por toda a minha cavidade abdominal. Foram drenados mais de 2 litros de sangue. Meia hora depois do **ato terrorista** ali do senhor Adélio, **ele deu a facada pra matar**. (grifos nossos).

Nesses dizeres, o candidato Bolsonaro afirma que, em geral, as facadas realizam-se sob o ato de furar, e qualifica a facada por ele recebida como ocorrendo de modo distinto e inusitado, pois o autor desse ato “bateu e rodou”, com o único fim de matá-lo. Ao diferenciar a facada por ele levada das facadas comumente deferidas, acrescentando ao ato de furar o de rodar, atribui a esse evento um tom divinal, o que parece ser endossado pela narração detalhada do ocorrido, uma espécie de “testemunho”<sup>5</sup>, apresentando a gravidade de suas consequências,

---

<sup>5</sup> Minimamente, compreendemos “testemunho” como experiências (publicamente) relatadas por fiéis, figuradas como “milagres”, em certas vertentes religiosas.

e confirmado novamente pelo argumento de autoridade dos médicos (“conversando com os médicos”, sendo que sequer estes compreenderiam, senão como um “milagre”, o ocorrido com o candidato). O caso dele seria algo excepcional, pensando no “ato terrorista” que sofreu, fazendo-o digno de ser considerado um “escolhido” por Deus, alguém enviado por Ele, que estaria literal e figurativamente dando o sangue pelo seu povo, como também aparece nos seguintes dizeres presentes no vídeo 03:

**A tentativa de execução** do dia 06 de setembro foi algo grave. O cara **deu a facada e rodou a faca**. É comum você ver briga, às vezes, de bar, o cara dá a facada no outro, bate a faca e puxa. Esse cara **bateu e rodou**. **Cortou em vários locais o intestino fino e cortou o intestino grosso também**. Espalhou fezes em toda a cavidade abdominal. Em toda a cavidade abdominal. E a faca entrou 15 cm aproximadamente. **Eu só não morri por milagre, segundo os próprios médicos da Santa Casa de Juiz de Fora**. [...] No dia 12 de setembro, seis dias depois, como eu estava com febre, 9 da noite, eu fui submetido a uma tomografia e eu lembro que o médico falou o seguinte pro, o médico chefe falou o seguinte: ‘Vamos ter que operá-lo’. Daí o outro médico perguntou: ‘Quando?’. Ele falou: ‘Agora.’. A operação começou 9 e pouco da noite e acabou às 5 da manhã. Então, foram 8 horas de cirurgia. **Não foi uma brincadeira. Não foi uma furadinha. Foi algo grave**. Bem, no momento, estou com bolsa de... Vamos lá. **Perdi 15 quilos. No dia, perdi 2 litros de sangue**. No momento, estou com uma bolsa de colostomia. (grifos nossos).

A narrativa com detalhes sobre o ocorrido, dando realce à gravidade de suas consequências<sup>6</sup>, parece reforçar o caráter inusitado do evento, o que se constituiria no “milagre” que ele teria recebido e na afirmação do quanto estaria disposto a se sacrificar por seu povo. O modo como, várias vezes, foi discursivizado esse ataque (uma espécie de provação divina, um “milagre” que comprovaria novamente sua relação de identidade santificada, tal qual um salvador, pastor, escolhido, messias<sup>7</sup>) parece contribuir para a representação positivada de si, valorada e valorizada do candidato Bolsonaro, ao colocá-lo na posição de um líder pastoral, que se sacrifica pelo povo e o convida ao sacrifício também, conforme pode ser vislumbrado nos seguintes dizeres do vídeo 02:

Eleições não estão ganhas. **Nós temos que lutar até o último momento**. Não podemos relaxar. Eu sei que tem gente que tem dificuldade pra votar. **Vai com sacrifício. Saí mais cedo de casa**. Vamos votar. Vamos fazer valer a nossa vontade. Não vamos dar oportunidade pra que o outro lado diga: “Ganhamos. Foi a virada”. [...] Mas nós devemos fazer a nossa parte. Vamos votar. Vamos participar. Vamos

<sup>6</sup> Tal é o que pode ser também interpretado nos seguintes dizeres presentes no vídeo 04: “Que foram cirurgias de vulto que eu fiz, né, uma no dia 06 de setembro, outra no dia 12, onde tudo foi mexido aqui na região do abdômen. Tudo foi colocado pra fora e botado pra dentro de novo. Então, eu não posso levar um esbarrão”.

<sup>7</sup> Essa imagem pode ser também construída discursivamente quando, no vídeo 04, menciona: “Mas voltar pras ruas não vou poder fazer o que fazia, como ser carregado nos braços, com milhares de pessoas me recebendo no aeroporto.”, pois essas ações indicariam uma espécie de Deus, de ídolo, de soberano.

ajudar na fiscalização. Tem um sitezinho aí “Fiscais do Jair”, né?! [...] Um apelo final a todos vocês. De hoje pra amanhã, vamos empenhar, vamos votar; quem tá em casa, não tá ganho, vamos votar. **Às vezes, é um sacrifício. Anda um pouco mais. Vamos votar.** Vamos, no caminho, hoje à noite ainda, né, via *Whatsapp*, mídias sociais, buscar mais um voto pra nós. Vamos convencer quem votou em outro candidato a votar em nós. E vamos ter a certeza, né, que nós, ao fazer o trabalho bem feito, podemos sim ser vitoriosos amanhã e todo o Brasil, e todo o Brasil realmente sonhar com dias melhores, tá ok?! Meu muito obrigado a todos. Fiquem com Deus! Vamos à vitória, com muita humildade e com muito trabalho! Brasil acima de tudo e Deus acima de todos. Valeu, pessoal! (grifos nossos).

O candidato endereça-se aos espectadores, os quais supõe serem seus eleitores e apoiadores, como uma espécie de exército (“nós temos que lutar até o último momento”), que deveria juntar-se à “luta” em tela, sacrificar-se por esse líder e pelas causas que defende (“Vai com sacrifício. Sai mais cedo de casa”, “Às vezes, é um sacrifício. Anda um pouco mais. Vamos votar.”). Logo, seriam pessoas que estariam, como seu líder, dispostas a se sacrificarem por “dias melhores”. Os dizeres do candidato Bolsonaro ganhariam valor de verdade, pois “[...] o discurso religioso não apresenta nenhuma autonomia, isto é, o representante da voz de Deus não pode modificá-la de forma alguma” (ORLANDI, 1987, p. 245), corroborando a “verdade” pelo simples fato de terem sido proferidos pelo candidato, o qual seria uma espécie de porta-voz de Deus.

A propósito do signo “verdade”, o qual, nos dizeres de campanha do candidato Jair Messias Bolsonaro, parece produzir efeito divisor, destacamos a seguinte passagem no vídeo 04: “E digo mais, Sr. Haddad, eu tenho compromisso com a *verdade*, tenho caráter. A minha vida sempre foi dessa forma. Fazemos campanha sim, em busca do, duma passagem bíblica, João 8:32, ‘Conhecereis a verdade e ela vos libertará’” (grifo nosso). Ao endereçar-se a seu oponente, o candidato pelo PT (“Sr. Haddad”), o signo “verdade” produziria efeito divisor, pois o compromisso em questão, que levaria a uma libertação do mal, inclusive associada a uma passagem bíblica, não seria tido pelo outro candidato, o qual não teria compromisso nem com a verdade (em sua vida pessoal e pública), nem com pressupostos religiosos<sup>8</sup>, ao passo que o candidato Bolsonaro, de fato, realizaria um governo com base em morais cristãs, lembrando que, conforme dizeres acima, esse candidato afirma fazer campanha “em busca do, duma passagem bíblica”, sendo a religião uma de suas preocupações, conforme podemos observar nos dizeres presentes no vídeo 01:

**Nós amamos as nossas famílias. Nós respeitamos as crianças. Nós respeitamos todas as religiões. Nós não queremos socialismo.** Nós queremos distância de ditaduras do mundo todo. Amigos da Paulista e do Brasil, meu muito obrigado a todos vocês. E vamos, juntos, trabalhar, para que no próximo domingo aquele

---

<sup>8</sup> Tanto que um dos vídeos (o de número 05) se intitula “Chegamos na reta final. Vamos dar o último gás combatendo, COM A VERDADE, as mentiras do PT!”, com destaque à caixa alta na expressão “com a verdade”, fazendo coro com o efeito divisor relacionado ao “Brasil de verdade”.

grito que está em nossa garganta, que simboliza tudo que nós somos, seja posto pra fora: **Brasil acima de tudo, Deus acima de todos.** (grifos nossos).

Ao se representar como protetor necessário aos seus apoiadores, o qual, nas condições de produção em questão, poderia ser interpretado como aquele que iria salvá-los do caos em que o País supostamente estaria, o efeito divisor parece veicular efeitos de sentido diversos, como o reforço de sua posição de protetor paternal extremamente necessário à defesa de seus apoiadores e a conclusão de que direitos básicos não estariam assegurados àqueles que, de alguma forma, representassem ameaça aos dogmas conservadores.

Ainda com base no vídeo em questão, é possível vislumbrarmos certa contradição nos dizeres do candidato, posto que, embora afirme que “nós respeitamos todas as religiões”, o *slogan*, mencionado ao final desse e de outros vídeos, pode ser interpretado tanto como a proposição de um governo assumidamente atravessado por questões religiosas (em defesa dos chamados “valores cristãos”) e respeitoso a todas as crenças, quanto como o desrespeito à laicidade do Estado (às necessidades governamentais para manutenção de um Estado laico), cabendo o seguinte questionamento: como respeitar e dar espaço igual a todas as religiões se há a (re)afirmação constante da “presença” de Deus como essência de uma campanha?

## Considerações finais

A presença do discurso religioso no discurso político promove a emergência de sentidos outros, já que, conforme Foucault (2009, p. 26), “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”. O imbricamento do discurso religioso no discurso político parece provocar certo fechamento de sentido, o que, em certa medida, impede qualquer forma de contestação/discordância, pois entra em cena a fé. “A fé é um dos parâmetros em que se assenta o princípio da exclusão. E o espaço em que se dá a exclusão é a Igreja: os que pertencem a ela (os que acreditam) e os que não pertencem (os que não acreditam). É a Igreja que atribui os sacramentos, é ela que tem a palavra da revelação, a leitura correta do texto sagrado, etc.” (ORLANDI, 1987, p. 250).

Nessa perspectiva, a fé separa outras crenças e seus praticantes e, em última instância, é possível interpretarmos que religiões que não têm matrizes no cristianismo não seriam dignas, seriam inferiores, estariam “abaixo” e, por consequência, também todos seus adeptos/fiéis. Estes comporiam o grupo de pessoas que não teriam a pátria como prioridade, sendo, por isso, “erradas” e até mesmo “imperfeitas” do ponto de vista religioso, posto que não pertencem a religiões cristãs, sendo desprovidas de valores humanos, e, em razão disso, mereceriam ser abandonadas e relegadas pelo governo do candidato Bolsonaro.

Devido ao predomínio de religiões cristãs no Brasil, produzir, no espaço político, um discurso atravessado pelo discurso religioso, com ênfase no signo linguístico “Deus”, consistiria em produzir um discurso vendável, por abranger um número maior de eleitores em um país histórica e majoritariamente católico, no qual a religião evangélica, que é de cunho cristã, é a



mais ascendente. Ademais, como o signo “Deus” significaria bondade, justiça, verdade, amor, paz, por exemplo, as pessoas que se associariam ao que esse signo representaria teriam de se opor à “esquerda”, já que “Deus” significaria tudo que se oporia a ela, ao governo anterior, à “corrupção” e outros. Assim, estar com Deus, tendo fé Nele, é a grande possibilidade de receber um “milagre”. E o “milagre” aconteceu?! A fé salva?!

## Referências

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 18.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (orgs.). **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 1987.

## Notícia

JAIR Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. **G1**, 6 set. 2018. <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2021.

## Vídeos

BOLSONARO, Jair Messias. **Bolsonaro no SBT: temas da semana**, 09 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wl6Z8OI2TXI>. Acesso em: 15 maio 2021.

BOLSONARO, Jair Messias. **Bolsonaro: última live antes do segundo turno**, 27 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2py6E3U2wCc>. Acesso em: 20 maio 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. **Chegamos na reta final. Vamos dar o último gás combatendo, COM A VERDADE, as mentiras do PT!**, 26 out. 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=F\\_v2auHWk8I](https://www.youtube.com/watch?v=F_v2auHWk8I). Acesso em: 25 maio 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. **Entrevista Rádio Guaíba - RS (23/10/2018) - temas da semana**, 23 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yLuNmAkrkRY>. Acesso em: 01 jun. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. **Via transmissão de celular, Bolsonaro fala com população na Av. Paulista**, 21 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H9wxneOnIOI>. Acesso em: 15 abr. 2020.